



Thina Rodrigues

Presidente da Associação das Travestis do Ceará

A dama de vermelho de olhar e gestos firmes, mãos delicadas e crenças controversas

Ficha Técnica

Equipe de produção:
Cláudio Lucas Abreu
Hugo Cardim

Entrevistadores:
Camila Magalhães
Chloé Leurquin
Cinthia Freitas
Cláudio Lucas Abreu
Fernando Girão
Hugo Cardim
Livia Priscilla
Monique Martins
Naiana Gomes
Pedro Borges

Fotografia:
Nathanael Filgueiras

Texto de Abertura:
Chloé Leurquin

Boca carnuda, pintada de batom vermelho cremoso. Foi a primeira coisa que vi, depois que os saltos atrasados pela vaidade subiram, fazendo barulho, as escadas do bar e se sentaram, ainda afoitos, em uma cadeira na minha frente sem me olhar nos olhos. Chamou-me atenção a forma com que o lábio superior pousava sobre o inferior, como sentasse delicadamente em almofadas. Duas. E o bico que brotava quase que naturalmente quando projetava palavras.

Dentro, dentes de um sorriso escondido, de medo ou vergonha, sob o leque vermelho que, ao ser aberto, esbarrava no ar como uma provocação, balançando por três vezes e se recolhendo em seguida. Não cobria os olhos, porém, protegidos por espécies de guarda-vidas pintados propositadamente de forma que fossem eternamente arqueados.

Apesar de expostas, as janelas negras e apertadas, de fundo levemente amarelado, de quem viveu muito, ainda se assustam, mesmo que em sonhos, quando são só alma. O nariz afilado deixa marcas de um tempo passado, como uma mancha vermelha de cereja arrancada do bolo, quase como as cicatrizes estampadas nas coxas e no braço: marcas das tempestades de uma vida.

Longos negros cabelos emprestados serviam de moldura para aquele rosto largo e redondo de uma pele negra brilhante, que nos faz duvidar da quantidade de primaveras vividas. Talvez pelos invernos estendidos que, por vezes, passavam por aquelas mãos. Mãos grossas de quem trabalha, tocadas por um também vermelho esmalte, desta vez mais vivo, gasto, descascado.

O decote do vestido de uma malha leve e colorida, contemplado também pela moldura de cabelos negros, caía de quando em vez e era arrumado constantemente pela delicadeza que as até então mãos grossas possuíam, quando não era escondido pelo tal leque vermelho provocador.

O pé direito erguido, pelo cruzar de pernas, batia incessantemente por baixo da mesa, marcando o ritmo da vida, e consequentemente da entrevista que fizemos naquela tarde de quinta-feira, abafada pela chuva iminente, com Thina Rodrigues.

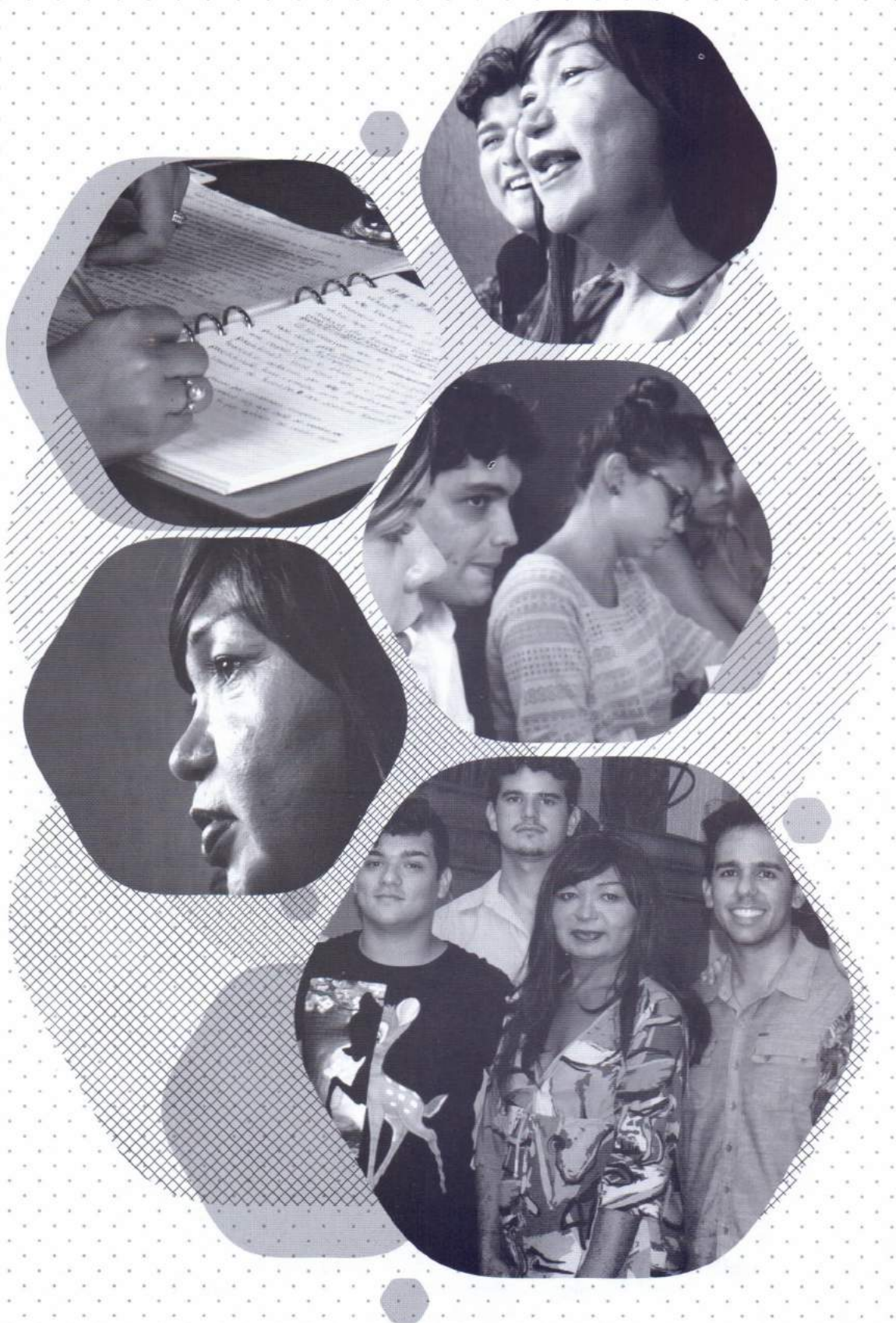
Tinha fibra. Mais velha dos filhos, negou a casa da mãe e do padrasto, do interior de mente restrita, e foi ser oficialmente dona de si, cumprindo a promessa de nunca mais voltar. Continuou, porém, cuidando e bancando os que tomava por seus, sem deixar brechas para não aceitação. Referência. Profundo e sincero amor nutria pela avó, que ainda acompanha os passos da neta, olhando por ela.

O nome da noite era Tina MacGyver. Usava-o para ir à guerra de cada dia. Poderosa, provocante Tina Turner... *Simply The Best*. De passos cavalgados em um uniforme de luto libertador por assumir os seus desejos. Sem limites. A dama lutava contra o mundo em cima de seu cavalo marrom. Não tinha medo do perigo, enfrentava-o com a ajuda do seu canivete. MacGyver. Era forte e continua sendo. Agora, mais. Porque é Thina, e monta no seu cavalo marrom, porque não é mais MacGyver e usa outras armas para se defender.

Os goles de cerveja já quente ajudavam a engolir as bolas que apareciam na garganta, mas não impediam o brilho da água que teimava em quase transbordar das janelas negras. Os fantasmas sempre foram muitos. Parava. Respirava. Recomeçava. Pedia segredo e confiava, sem justificativa, naqueles que acabara de conhecer, balançando sempre o pé e sacudindo ainda mais fortemente o vermelho leque.

Sem que nem porque nos colocava em um altar e nos confessava, como um mantra, os detalhes dos sonhos que a atormentavam, inclusive os reais. Como se pedisse perdão, disfarçado com olhar forte e palavras duras.

É humana e feminina. Mãe de cinco cachorros que são os donos da casa, diferentemente dos que passam pelo quarto. Quer amor. Quer respeito. Quer viver com a benção de Deus. Paga por isso. Mais rápido que os outros, segundo ela, já que castigo divino tem tempo diferenciado para cada um. Não quer se sentir culpada. Ajudava como uma mãe, mesmo com a referência que tinha. Tenta agradar a Ele como consegue. Busca ser feliz. Ajuda como uma representante. Apesar do medo, continua. Apesar de saber o que quer, teme. Apesar de acreditar que os dias estão perto do fim, tem sede de viver.



Entrevista com Thina Rodrigues, dia 10 de abril de 2014

Hugo – Muito antes de assumir a presidência da Atrac (*Associação das Travestis do Ceará*), você já se declarava e atuava como militante dos direitos das travestis e das transexuais. Qual é a motivação diária que lhe faz dedicar tanto tempo da vida em prol dos direitos desse segmento?

Thina – Eu comecei a militância em 1988 – essa data eu não esqueço nunca. Todo homossexual e toda travesti que estavam na rua eram recolhidos para serem presos. Foi daí que eu comecei a militar. Eu fui ao jornal *Diário do Nordeste* fazer uma reportagem a respeito disso, que eu achei um absurdo. Porque nós tínhamos o direito de ser o que a gente queria ser. Principalmente a gente que é travesti, que é diferente de um homossexual, diferente de uma lésbica – porque, se eles quiserem ficar no armário, eles podem ficar o tempo que quiserem, só se declaram se quiser. E nós, travestis, não. A gente dá a cara à palmatória, a gente assume a identidade de gênero e não tá nem aí pra ninguém. Então, foi daí que eu comecei a lutar pelo direito de todas as travestis.

Hugo – E qual a sua motivação diária? De onde você tira força para continuar na militância?

Thina – Não sei te dizer ao certo. Acho que nasci com ela. A militância, você já nasce com aquilo: lutar pelos direitos das travestis ou de outro segmento, aliás, que não é mais segmento, é população. Passei um período desistindo, pensando que não valia a pena. Mas, quando a gente vê as necessidades que as meninas (*termo com o qual Thina se refere a outras travestis*) têm, sendo barradas nos lugares, não podendo trabalhar na rua, não serem inseridas no mercado de trabalho, não terem condição de estudar nem estar na família... Então isso é a força que eu tenho de estar lutando mais. Tentando inserir a travesti no seu seio familiar. Porque tudo começa na família. A gente sente a necessidade da família. Da nossa família, nosso pai, nossa mãe. Eu tento inserir elas nas suas famílias primeiro. Porque, se a gente estiver inserida na família, a gente vai estudar, vai poder conseguir arranjar um emprego, ser inserida no mercado de trabalho e assim por diante. Porque, se sua mãe é a seu favor, então já tem tudo a crescer. A gente vê as dificuldades

que as travestis têm, né? Com 16, 17 anos, os pais já não querem. A única coisa que sobra pra elas é a prostituição.

Camila – Qual você acha que foi sua maior conquista nesses dez anos à frente da Atrac?

Thina – A primeira presidente (*da Atrac*) era a Janaína Dutra, que era advogada. Ela era vice-presidente do Grab (*Grupo de Resistência Asa Branca, ONG cearense fundada em 1989 que luta pelos direitos da população LGBT – lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais*) e era presidente da Atrac. Todo o trabalho que a gente fazia quem ganhava a fama era o Grab. Tudo era o Grab, nada da Atrac. Com o falecimento dela, eu assumi e lutei para todo mundo saber que existia essa associação. As meninas até faziam: “Atrac? Que diabo é isso? É briga que a gente vai fazer?” Daí eu fazia o trabalho de sensibilização e prevenção na pista (*gíria para rua, local onde as prostitutas fazem programas*). Foi daí que as meninas começaram a perceber que tinha alguém que lutava por elas. Que alguém representava elas nacionalmente.

Naiana – Antes de você começar a fazer esse trabalho, que é um trabalho de aconselhamento, de orientação, alguém fez esse trabalho com você?

Thina – Não. Eu sou formada na prostituição. Minha faculdade foi a vida. Eu não recebi conselho de ninguém, caí na vida com 17 anos, fugi da minha casa – estou até fugindo do assunto, né? –, fugi de casa porque minha mãe não aceitava. Vim do interior pra Fortaleza. A Janaína de vez em quando ia na avenida e fazia esse trabalho com as meninas, mas ela não levava a equipe da Atrac. Ela levava o pessoal do Grab. É por isso que eu fico falando que o Grab tinha mais visibilidade do que nós.

Hugo – Mas nessa época, nos anos 1980, você teve contato com essa militância, que chegava a você e lhe dava orientações?

Thina – Não. Como eu disse, eu comecei em 1988. Em 1990 eu comecei a ser multiplicadora de um projeto do Grab. E em 2001 foi fundada a associação (*Atrac*).

Pedro – Vocês faziam as atividades e o Grab ficava com a fama. Isso foi um dos motivos da separação da Atrac ou teve uma certa dificuldade de convivência, de negociação entre os grupos diferentes,

A ideia de indicar Thina para ser uma das entrevistadas foi de Cláudio Lucas. Ela foi escolhida pelo grupo como a segunda mais votada entre todos os indicados.

Ao entrevistado é dado o direito de escolher o local da entrevista, para que se sinta o mais à vontade possível. Ao ser indagada sobre o assunto, Thina perguntou se poderia ser em um bar. A resposta afirmativa agradou a todos.

A entrevista foi concedida à tarde, no Dona Chica Bar e Restaurante, Benfica. No cardápio, amendoim, batatas chips e bolachinhas salgadas acompanharam algumas cervejinhas durante as duas horas e dez minutos de conversa.

lésbicas, gays?

Thina – Sempre existe. Em todas as classes existem aquelas panelinhas. Os homossexuais vão puxar para a panela deles, as lésbicas também, e nós vamos puxar pro nosso lado. Mas a separação maior foi essa, devido à força que eles tinham mais do que a gente, porque eles já tinham mais estrada. Tudo o que a gente fazia eles levavam a fama. Foi daí que eu resolvi tirar a Atrac da sede do Grab, porque a gente tinha uma sala lá. Começou a nossa guerra, entre os grupos. Quando nos separamos, a primeira reunião teve 110 travestis. As meninas estavam reunidas por um propósito, que sabiam que podiam confiar em mim.

Chloé – No Grab, vocês tinham um lugar para se reunir e agora vocês estão sem uma sede. Você acha que realmente foi positivo sair do Grab, já que vocês não têm sede? Financeiramente, foi bom pra vocês?

Thina – Foi válido e muito bom. Porque nós cortamos nosso umbigo (*se referindo ao cordão umbilical*). Eles disseram uma piadinha assim: “Vocês vão sair do nosso poder, mas vocês vão voltar.” A gente passa por toda dificuldade e não volta. Foi do mesmo jeito que eu fiz. Minha mãe disse: “Você vai voltar, você vai ver.” (*Thina responde*) “Minha mãe, nunca mais eu volto”. Eu já tenho 52 anos e não voltei pra casa. E olhe que eu tinha 17. E pra sair do Grab? Não, porque eu tenho força, eu tenho poder. Se eu quiser fazer reunião em qualquer canto, as meninas vão. Nem necessito de um ambiente fechado pra fazer reunião, pra convidá-las pra se reunir: eu vou ao ponto delas, onde eu reúno cinco ou seis, e faço uma busca ativa, faço um trabalho de...

Hugo – (*interrompendo*) O que é uma busca ativa?

Thina – No nosso linguajar, busca ativa é uma *blitz*. A gente reúne cinco. Entre essas cinco tem alguma nua, alguma usando droga... Essa busca ativa é isso, uma busca para descobrir alguma transfobia, ou se elas que estão causando (*a violência*). Porque muitas vezes nós não somos tão vulneráveis

como as pessoas dizem. Tem umas que são perigosas, tem umas que usam pedra, tem outras que usam pó, tem outra que rouba. Quando eu vou fazer a busca ativa a gente vê essa situação. Muitas delas estão drogadas e querem tomar as caixas de preservativo, querem me enfrentar, querem bater em mim. Quando eu vou fazer esse trabalho, eu não vou como uma militante rígida. Eu vou como amiga. Às vezes elas fazem: “E esse preservativo, eu tenho que usar?” (*Thina responde*) “Não, mulher, usa não (*fala em tom de sarcasmo*)”. A gente faz uma bolinha, inventa um aniversário e canta parabéns (*todos riem*). A gente fica brincando com essas coisas para poder incentivá-las a usar.

Livia – Você já teve algum conflito por ser representante da Atrac e estar na Coordenadoria (*da Diversidade de Fortaleza. Thina é assessora técnica do órgão*)?

Thina – Não, ainda não.

Cláudio – Mas você acha que pode ter?

Thina – Não, porque na Prefeitura eu sou contratada. Contratada eu posso ser qualquer coisa. Posso ser presidente, ou aquilo outro. Eu não sou funcionária pública. Funcionária pública é que não pode exercer outro órgão.

Livia – Atualmente, na Atrac, é só você que está à frente. Como separar a Thina da Atrac?

Thina – É muito difícil separar. Porque eu sempre represento elas. Eu tenho meu momento de Thina: final de semana. Ninguém venha com esse negócio de fazer palestra, de oficina. Meu final de semana é meu. Na semana, sem problema, duas ou três horas da manhã eu vou fazer trabalho sem me preocupar.

Fernando – Você disse que, diferentemente da Janaína, que era formada em Direito, você foi formada na vida. Você sentiu algum tipo de desconfiança por parte da própria militância quando você assumiu a presidência da Atrac em 2004?

Thina – Isso sim. Logo quando eu me tornei presidente, a outra turma falava que eu estava brincando de presidente. Eu falei que eu não estava brincando de presidente,

Foi relativamente difícil criar o material de produção para a entrevista, pois quase não existem dados sobre Thina na web. A equipe teve de levantar informações por meio de pré-entrevistas com pessoas próximas a ela e com a própria entrevistada.





A pré-entrevista com Thina foi realizada no Parque das Crianças, endereço da Coordenadoria da Diversidade de Fortaleza, local em que ela trabalha como assessora técnica. Na conversa de 30 minutos, Thina gentilmente nos contou boa parte de sua vida.

que eu era presidente. Falaram que eu era analfabeta de computador e eu provei que eu era mais do que eles pensavam. Eu sou representante nacional.

Camila – Você falou que é representante das travestis até em nível nacional. Como foi a sua transição de ser representada pela Atrac, na época da Janaína, para hoje ser uma das maiores representantes de travestis do Brasil?

Thina – No primeiro mandato eu já comecei a buscar cursos para as meninas, fazer parcerias com outros grupos, com o grupo da Aproce (*Associação das Prostitutas do Ceará*). Procurava outras ONGs para poder me apoiar. Porque eles (*o Grab*) tinham o apoio das lésbicas, e as lésbicas se juntaram com os gays, e eu fiquei só. A população das travestis ficou só. Então peguei parceria com a ABC Vida (*Associação Cearense de Portadores de Hepatites B e C*), que é das hepatites virais, peguei uma também de redução de danos de droga e também a Aproce. A gente estava sempre em círculos fazendo trabalhos. Quando tinha algum evento, alguma palestra, eu convidava um desses e me fortalecia para eu poder andar. Eu não andava só.

Naiana – Algumas pessoas duvidaram da sua capacidade de gerir. Você, em algum momento, duvidou da sua capacidade?

Thina – Não. A gente teme o trabalho, porque é outro mundo. Eu não estava preparada, eu não sabia como fazia ofício, nem como conseguir uma passagem para

viajar. É difícil. Eu disse que eu sou formada na faculdade da vida é por causa disso. Em nenhum momento, na minha transição de presidente, ninguém me ensinou a fazer um ofício. Eu fazia como achava que era certo. Daí eu fui aprendendo, mas ninguém nunca me ensinou, ninguém nunca na minha vida me deu um conselho para fazer um bem ou fazer um mal.

Hugo – A gente falou do Grab, e ficou claro como vocês começaram: teve turbulência no começo. Mas, hoje em dia, como é a relação entre as duas instituições, Atrac e Grab?

Thina – Continua do mesmo jeito. Eles lá e nós cá. Eu não sei se virou uma questão pessoal, não sei o que aconteceu, porque vários eventos que o Grab faz, eles não convidam a Atrac. Quando tá lá na mesa, falam que a gente não teve consideração de mandar nenhum representante. Ficam queimando a nossa imagem. Muitas vezes nós servíamos de papel de parede. Mas nós não somos papel de parede (*nota da equipe de produção: veja ao final desta entrevista o que o Grab diz sobre isso*).

Cláudio – Você acha que o posicionamento das duas instituições, a forma como se relacionam, contribui para essa rivalidade entre gays e lésbicas e transexuais e travestis?

Thina – Não contribui em nada, só faz dividir mais ainda, porque, se a população LGBT toda se unisse, as políticas públicas afirmativas seriam mais fortes. Mas sempre tem isto: onde tem dinheiro, você sabe o problema. Como eu era doida mesmo... Eu sustentava a associação da prostituição. Eu pagava 400 reais de aluguel, 100 de água, de luz, telefone, de tudo. Eu fazia prostituição e pagava. Eu não tenho vergonha de dizer isso. Não posso ter a sede se o Governo Estadual, Municipal, não está me apoiando em nada. Então eu deixo na minha casa. Quando eu tiver algum dinheiro, eu vou em frente. Porque na minha casa – não tenho nem vergonha de dizer – não tinha geladeira mais, não tinha fogão, porque eu tirava da

“Eu sou formada na prostituição. Minha faculdade foi a vida. Eu não recebi conselho de ninguém, caí na vida com 17 anos.”

A produção conversou com um dos irmãos de Thina, Roberto, que nos recebeu em casa, ao lado da esposa Mazé. Entre outros assuntos, destacou a importância do então irmão no sustento da família quando a avó e os outros irmãos se mudaram para Fortaleza.

Outra pré-entrevista realizada para compor o material de produção foi feita com Sarah Marques, transexual amiga de Thina. Dentre várias amizades indicadas por Thina, Sarah foi uma das poucas com que conseguimos falar por telefone.

"Eu sustentava a associação da prostituição. Eu pagava 400 reais de aluguel, 100 de água, de luz, telefone, de tudo. Eu fazia prostituição e pagava."

minha casa pra botar na associação. Para provar que eu era presidente. Era um ego meu. Muito em breve, a gente vai estar com uma sede, que vai ser na sede da Aproce. Elas nos convidaram, viram nossa situação e perguntaram se a parceria estava aberta, ainda feita, e se a gente queria uma sala lá, que lá tem auditório e poderíamos nos reunir com as meninas. Eu aceitei, mas ainda tenho de conversar, botar os pontos dos is *(ela quer dizer "pingos nos is")*.

Cláudio – O futuro da sede vai ser junto com a Associação das Prostitutas. Você não acha que, dividindo o espaço físico com a outra sede, isso não vai alimentar ainda mais a imagem de proximidade entre a travesti e a prostituição?

Thina – Eu acho que vai ser legal, porque poderemos fazer projetos envolvendo as duas populações. Porém, lá a gente vai ter nosso lado e elas vão ter o delas. As políticas públicas são todas divididas. Nós continuaremos com nosso lema, nosso dia a dia, nossa busca de ser inserida...

Cinthia – Mas você acha positiva ou negativa essa associação da imagem?

Thina – Por enquanto, é positiva. Porque eu vou sair do zero. Vou ter um canto. O pessoal não vai ver esse lado de estar ligado à prostituição. Quando eu começar a ver que tá dando certo, eu saio de novo e alugo outra sede e tomo outro caminho.

Cinthia – Você falou da dificuldade quando você está fazendo a busca ativa nas ruas

com as travestis, às vezes de ter resistência por parte delas e até violência. Como é essa relação da travesti e da violência, tanto a violência que elas sofrem na rua quanto a violência que elas acabam produzindo?

Thina – Quando você vai fazer esse trabalho de *blitz* é à noite, depois das oito, até às duas, três horas da manhã. Quando você vai chegar em certo ponto, elas já estão alcoolizadas, já têm usado droga. Às vezes elas desconhecem a pessoa. Você tem de ser dura com elas, se não perde totalmente a noção do seu trabalho, porque elas já têm dois marginais de lado para tomar suas camisinhas. Como eu sou antiga no movimento, dou meu grito mais forte. Eu tiro meu salto, boto barraco mesmo: "Vai roubar minhas camisinhas? Tá aqui as camisinhas, venha pegar agora!" Sou bem forte também. Não vou dizer: "Ai, vai levar minhas camisinhas... *(em tom frágil)*". Não!

Chloé – Elas roubam as camisinhas para poder vender?

Thina – Isso, para poder trocar por droga.

Cinthia – Então a relação da violência com a travesti sempre está ligada com a questão das drogas?

Thina – Não, não tanto. Porque antes não tinha droga. Sempre está ligada ao preconceito. À aceitação da sociedade.

Livia – Você acha que existe uma aceitação maior da sociedade em relação às transexuais que às travestis, existe essa diferença?

Thina – Não, para sociedade é tudo a mesma coisa. Numa palavra bem assim... Tudo é viado *(risos)*. Existe um desrespeito tão grande com nossa identidade de gênero que ninguém consegue nos tratar por feminino. Só é "o travesti". Então quando eu for falar com um homem qualquer, eu digo "a senhora". Aí o homem: "O quê?" "Sim, você não está me vendo um senhor? Pois eu estou vendo você uma senhora". Do mesmo jeito que a pessoa me trata... Eu não faço guerra, mas eu jogo também. Se dizem "o travesti", eu digo "a gay". Vou jogando assim até ele se mancar. Tem aquelas mulheres

A última pré-entrevista realizada foi com Renaldo Gomes, amigo de Thina e coordenador do Movimento Arco-Íris da Sociedade Horizontal. Por telefone, ele relatou a importância da ajuda de Thina no aprendizado dele em apoio à população LGBT.





A equipe de produção também contou com a ajuda do estudante de jornalismo Ed Borges para entrar em contato com Thina pela primeira vez. Ed escreve um livro-reportagem no qual Thina é uma das principais fontes.

lojistas, vendedoras. Tratam você sempre por masculino, eu trato elas por masculino. Elas: "Eu sou mulher". "E eu não sou, não?" (*todos riem*). Porque para você dizer que não é, você é obrigada a mostrar o sexo?

Naiana – Isso desarma as pessoas?

Thina – Desarma. Nós, travestis, temos uma associação que é maior que a gente, a Antra, Articulação Nacional de Travestis. Nós estamos com um problema com o *Dicionário Aurélio* para poder mudar isso. Porque o travesti que ele fala lá no dicionário não é sobre identidade de gênero, é aquela pessoa que se veste de mulher. Nós já passamos desse degrau.

Monique – Você acredita que nos últimos anos o preconceito contra as travestis está diminuindo?

Thina – Não. Nós começamos a nossa luta desde 2000. A gente tenta que nosso nome social seja reconhecido, e nada. Quando tiver essa lei, o PLC 72 (*Projeto de Lei da Câmara nº 72 de 2007, que dispõe sobre registros públicos e dá outras providências, possibilitando a substituição do prenome de pessoas transexuais*), vai ser tudo legal.

Pedro – Essa questão do preconceito, você acha que tem a ver com a prostituição? Por que grande parte das travestis trabalha com prostituição?

Thina – Eu acho que não tem nada a ver com isso. Tudo é uma questão de educação. Tem várias cidades do interior que não têm prostituição. Todas as travestis trabalham. As daqui (*de Fortaleza*), não. Porque não têm a família. A maioria mora com cafetina, mora de favor em outra casa. Elas não vão estudar porque têm de pagar a diária. Tem diária que é 50 reais, com direito só ao almoço. Fora ser maltratada, ser humilhada. Quando ela passa três diárias sem pagar, eles cortam o cabelo, batem nela.

Hugo – Isso é comum? Existe muito aqui em Fortaleza?

Thina – Existe sim. Eu digo que elas compartilham. Porque existem mil e uma denúncias. Você pode discar o Disque 100 sem

ninguém saber; você pode ligar para polícia, mas a polícia não dá jeito nenhum. Mas ao menos o Disque 100 vai resolver alguma coisa.

Chloé – A Atrac tem alguma ação em relação a isso?

Thina – Não. Porque nós não lutamos contra isso, a gente dá conselho às meninas pra elas fazerem a denúncia: "Você tá sofrendo mau trato? Faça a denúncia. Você foi naquele bar e foi mal tratada? Faça a denúncia. Leve alguém de testemunha." Eu não posso enfrentar uma cafetina porque é como se fosse um traficante. O poder deles é maior.

Camila – Você falou que as meninas podem denunciar na polícia, mas é melhor denunciar no Disque 100 porque a polícia não faz nada. Como é hoje a relação das travestis com a polícia, com o Ronda ou com a Polícia Militar? É diferente daquela época de 20 anos atrás?

Thina – daquela época é diferente, porque a gente não podia ter vida diária, a gente só tinha vida noturna. Agora, não, qualquer canto você vê uma. Não adianta apontar, não, porque do lado já tem outra (*todos riem*). Mas a polícia é diferente: ainda é pior. Em Fortaleza tem dezenas de lugares de pontos de prostituição onde elas trabalham. Em cada ponto a polícia trata de uma maneira diferente.

Pedro – Você acha que, se houvesse a regulamentação da prostituição, iria melhorar esse cenário?

Thina – Nós, travestis, nacionalmente, estamos apoiando esse projeto da prostituição. Tem alguns pontos que ficam obscuros. Como a gente vai fazer isso, para poder a travesti pagar INSS? A gente está apoiando, mas está com o pé atrás. Tudo bem, vai melhorar algumas partes, das meninas que trabalham em casa de massagem. Elas vão ter a carteira assinada, vão ter o direito de trabalhar nos horários que têm de trabalhar. Aí vai ser legal. Mas as que trabalham na rua, não.

Naiana – As meninas da Atrac reconhecem

Ed Borges também nos cedeu, gentilmente, cópia de clipping de matéria do jornal Diário do Nordeste de 23 de setembro de 1988, que noticia o episódio da detenção de Thina e de outras travestis.

A Atrac foi fundada em 2001 e tem como missão a melhoria da qualidade de vida das travestis, através da construção da cidadania e da luta pela garantia de seus direitos. Thina assumiu a presidência da organização em 17 de fevereiro de 2004.

seus sacrifícios?

Thina – Não, ninguém nunca reconhece. Reconhece quando você tem dinheiro. Não sei se é a população toda, só sei que a população de travesti é assim: quando o Grab fazia reunião e dava dez reais às travestis, elas iam. Quando eu fazia reunião, parecia que eles sabiam o dia que eu ia fazer, então não ia ninguém pra minha e iam todas pra lá porque eles davam dez reais mais o lanche a elas. Alguma delas me contava: “É porque o Grab ligou pra gente e *tava* dando dez reais mais o lanche, e a gente *tava* precisando, nós fomos.” Então quando tem dinheiro...

Fernando – Hoje as pautas de luta de travestis e transexuais encontram espaço em outra instituição que não seja a Atrac?

Thina – Encontram. Lá na Aproce, elas fazem trabalho com as travestis na Barra do Ceará. Quando elas estão fazendo oficina de prevenção, elas passam também para as travestis. Eu acho bonito isso.

Livia – Quais são os outros trabalhos desenvolvidos pela Atrac que não estão ligados à prostituição?

Thina – A gente faz oficina de redução de danos do uso de drogas, do silicone, cidadania, autoestima e cursos. Quando tem sede, a gente procura fazer esses cursos.

Camila – Existe um mercado de turismo sexual de travestis no Brasil. Como a Atrac se posiciona em relação a isso e que recomendações você dá para as meninas em lidar com os estrangeiros? É diferente em lidar com os brasileiros?

Thina – Essa parte é muito difícil para nós, porque somos nós que procuramos. É difícil eu dizer pra menina não querer ir se envolver com um europeu. Porque ela quer ganhar euro. E muitas vezes desse euro que ela *tá* ganhando, ela *tá* pegando também uma doença, porque ela *tá* fazendo sexo sem camisinha. Em euro o valor é grande, o homem dá 200, 300 euros e ela faz sem camisinha.

Pedro – A Sarah Marques, sua amiga, disse em pré-entrevista que você chegou a ajudar meninas a ir para a Europa. Elas iam com o objetivo de se prostituir?

Thina – Olha, eu não tenho nada a ver, nunca mandei, nunca ajudei ninguém a ir pra fora do Brasil. Elas se vendem, não é cárcere privado não. Elas já vão sabendo o que vão fazer lá, vão se prostituir. Mas elas pensam que chegar na Europa é só pegar a liga e amarrar o dinheiro. Não, não é isso. Elas vão ter de pagar ponto, vão ter de aprender a língua, vai ter alimentação, moradia, tudo isso conta. E tem de pagar o euro de quem levou.

Chloé – Você acha positivo elas irem para



a Europa?

Thina – Para algumas foi positivo, porque tem umas que já têm apartamento, tem comércio, tem salão de beleza, tem carro do ano. Então é válido. Algumas têm sorte. Outras, não.

Camila – Atualmente a UFC (*Universidade Federal do Ceará*) tem uma política de abertura para travestis e transexuais, inclusive permitindo o uso do nome social em documentos internos. Você acha que isso pode incentivar as travestis a cursar um ensino superior e assim ter mais oportunidades de trabalho?

Thina – Não. Elas não podem chegar à faculdade se não fizerem o nível médio. Mas, tudo bem, é válido.

Hugo – A maioria das travestis que estão na rua abandonou a escola?

Thina – Isso. Tem umas que querem estudar, mas não têm mais condição. Elas trabalham à noite; de dia passam o dia dormindo. A cafetina não vai deixá-las estudar. Não vai deixar fazer cursos. O que eu fico tentando falar com elas é que elas têm de fazer um curso de aperfeiçoamento de alguma coisa, uma capacitação, e saindo devagarzinho da prostituição. Não que a gente queira que elas saiam da prostituição, mas tenham outra opção de trabalho.

“Antes eu tinha medo de travesti. (...) Quando via (uma), achava diferente. Por isso muitas vezes entendo a população. Porque o diferente assusta.”

Thina Rodrigues adotou o atual nome quando assumiu a presidência da Atrac. A responsabilidade de estar à frente de uma ONG requereu um nome mais sério que Tina MacGyver, o antigo nome social.



Em 2012, o periódico Resposta Positiva, do Ministério da Saúde, fez reportagem de quatro páginas com ações da Atrac, em especial as realizadas em parceria com o Movimento Arco-Íris da Sociedade Horizontina. A edição está disponível na internet.

Chloé – Você vê a prostituição como uma coisa ruim, então?

Thina – Não, é muito bom (*risos*)!

Chloé – Por que quando você fala...

Thina – (*interrompendo*) Porque a gente fica velha, vai passando a idade. Hoje você é bem novinha, bonitinha, todo mundo lhe quer (*aponta para Chloé*). Quando você estiver com a carinha feia, ninguém lhe quer. Aí vai pegar ela (*aponta para outra pessoa*), que é bem novinha, bonitinha.

Fernando – Você poderia relatar alguma situação importante na sua vida de quando assumiu de vez sua travestilidade? Pode ser uma situação constrangedora, triste, mas pode ser uma situação feliz também, alguma coisa que a marcou nesse começo.

Thina – Uma coisa que me marcou muito foi quando eu coloquei meu primeiro litro de silicone. Porque eu era – acho que não sou mais não – muito religiosa. Eu acredito muito em Deus. Não sei se eu que boto na cabeça, mas se eu fizer uma coisa errada, imediatamente eu já pago, não deixo pra depois de amanhã, não. Quando apliquei o primeiro silicone, eu caí em depressão, porque vi que estava lutando contra a lei da natureza, contra a força de Deus, que tinha me feito homem. Foi duro pra mim.

Pedro – Isso abalou a sua fé?

Thina – Não. Mas eu ficava com vergonha de Deus.

Pedro – Você chegou a frequentar alguma igreja ou alguma religião?

Thina – Eu frequentava as igrejas católicas.

Pedro – Você já encontrou resistência nesses espaços? Preconceito?

Thina – Eu nem olho pra ninguém. Eu chego lá, fico de joelhos, rezo minhas orações, assisto à missa, beijos. Podem olhar. Respeito a casa de Deus: não vou de “shortinho”, não vou com blusa decotada. E vou a qualquer outra igreja, que eu gosto de ouvir a palavra de Deus.

Aconteceu um episódio que marca

sempre a vida da gente. Uma amiga minha começou a frequentar a Canaã (*igreja evangélica derivada da Assembleia de Deus*). Ela tinha prótese. Colocaram na cabeça dela que ela tinha de se entregar a Jesus, tinha de tirar as próteses e virar homem. Fizeram uma lavagem cerebral nela e ela tirou os peitos. Eu falei pra ela: “Mulher, ou é você que está errada ou seu pastor que está errado. Porque, se você está na igreja, você tem de procurar nos levar pra lá. Pois eu quero ir a essa igreja.” Fui pra lá assistir ao culto. São umas palavras tão bonitas, tão bonitas mesmo... O pastor: “Quem quiser se entregar a Jesus levanta a mão.” Eu: “Opa (*levanta a mão*)!” Foi todo mundo na fila pra aceitar. Essa minha amiga (*foi*) e ficaram cinco pessoas na minha frente. Quando foi a vez dela, o pastor disse: “Essa era uma pessoa errada. Ela agora tirou o peito, era uma travesti...” Quando ele começou a falar assim, eu: “E, quando for eu, ele vai dizer o mesmo jeito de mim? Não, não, não, Deus! O Senhor quer o meu coração, meu ato”. Saí da fila e voltei pro canto.

Hugo – Hoje você está em paz com seu corpo e com Deus?

Thina – Isso.

Livia – Você já adotou o nome Tina

“Antes (...) a gente só vivia à noite. No dia ninguém vivia. Quando nos encontravam na rua, nos agrediam com palavras, com xingamento, com objetos.”

Em outro raro registro impresso, a então Tina MacGyver concedeu entrevista à publicação especial do Grab Passando Batom, em 2001. Quando indagada da sua relação com drogas, afirmou que “minha maior droga é a cerveja. As outras passam, não dou valor.”

“Nós não somos aquela imagem caricata, não somos aquela pessoa transformista, que está na boate. (...) Nós somos uma pessoa, somos um ser humano.”



Thina nasceu em Brejo Santo, município da região do Cariri cearense, em 18 de outubro de 1962. Aos 17 anos, mudou-se sozinha para Fortaleza. Na época, ainda usava o nome masculino, Francisco Reginaldo.

MacGyver porque gostava da (cantora norte-americana) Tina Turner e do seriado (MacGyver – Profissão: Perigo, série de aventura da TV norte-americana, exibida no Brasil entre as décadas de 1980 e 1990). E você falou na pré-entrevista da sua relação com o perigo. Eu queria que você explicasse melhor como era essa relação com o perigo.

Thina – Naquela época eu gostava de fazer *shows*. Eu fazia *show* da Tina Turner e eu assistia muito ao seriado do MacGyver. Era muito legal o ponto da gente, as festas na (Avenida) Duque de Caxias, eram bares e bares. A gente ficava pulando de carro em carro, os carros paravam, levavam um bocado de travesti em cima, era animado. Então eram esses os perigos de que a gente gostava. O primeiro perigo: eu morava atrás da Catedral (de Fortaleza), e a primeira vez em que eu me vesti de mulher, a gente fez uma aposta. Eram eu, a Claiton, a Luba Vion e duas que eu não lembro mais. Sei que fizemos uma aposta pra ver quem saía de mulher. Só quem venceu foi eu e a Luba, e só nós duas viramos travesti. As outras não viraram.

Camila – Essa foi a primeira vez que você se travestiu?

Thina – Foi a primeira vez.

Camila – Teve alguma coisa, além da aposta, que a motivou especificamente a pensar em se travestir?

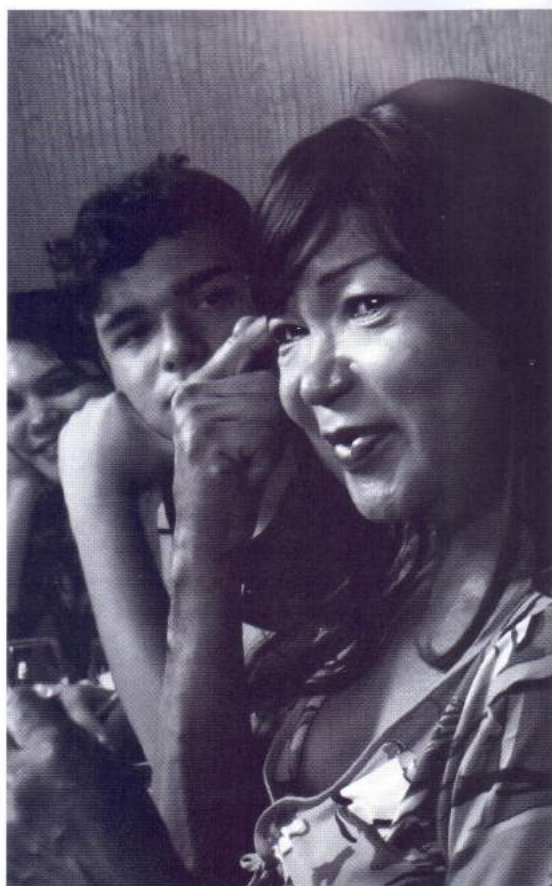
Thina – Não, teve não. Antes eu tinha medo de travesti. Eu vim do interior: quando via (uma), achava diferente. Se eu visse numa praça, arroteava bem antes, porque tinha medo. Por isso muitas vezes entendo a população. Porque o diferente assusta.

Naiana – O fato de ter vencido a aposta definiu a sua relação de coragem de se assumir?

Thina – Não, foi com o tempo. Quando eu fui virar mesmo, “eu vou assumir, agora sou travesti mesmo”, foi quando eu comecei a fazer programa. Foi a época de tomar hormônio, silicone.

Cinthia – Nessa fase que você começou a se travestir, como era a aceitação das pessoas? É diferente do que é hoje?

Thina – Ah, é. Agora você faz o que quer. Estou até aqui, né? (refere-se ao fato de estar dando entrevista) Antes vocês não queriam. Antes nós não tínhamos direito a nada. Era diferente porque a gente só vivia à noite. No dia ninguém vivia. Quando queria uma roupa, a gente mandava comprar. Tudo a gente mandava comprar porque a gente tinha medo e vergonha do povo. Quando nos encontravam na rua, nos agrediam com palavras, com xingamento, com objetos mesmo. Tinha uma rua aqui que a gente



não podia passar que jogavam arroz, feijão, tudo. Também, como eu disse, a gente não era nenhuma santinha. A gente fazia aquelas macacadas: botava aquele lação, aquela “sainha” bem curtinha com a bota... Chamava a atenção.

Chloé – Você falou em pré-entrevista que trabalhou com outras meninas; que vocês dividiam casa e tudo. Como era a relação com essas meninas? Era de intermediação?

Thina – Não, era como se eu fosse a mãe delas.

Chloé – Cafetinagem?

Thina – Não, não era cafetinagem. Eu era mãe delas. A mãe faz cafetinagem? Eu era mãe delas. Eu era a madrastra delas – tá bom assim? Eu era a madrastra onde eu tentava ensinar as coisas a elas: a educação ensinar a se vestir, a se comportar. Tinha regras também na minha casa. Você não podia chegar depois das dez horas da noite. Tinha todas essas coisinhas, porque já que eu não cobrava e não era cafetina – porque na casa da cafetina você pode dormir a hora que quiser. Você tinha de levantar sete horas da manhã e fazer alguma coisa. Tinha um papel lá: banheiro; quintal; cachorro, tudo tinha essa coisa.

Chloé – Mas elas tinham de pagar alguma coisa com os programas? Alguma porcentagem ou coisa assim?

Thina – Isso. O programa era dividido pra poder sustentá-las, entendeu? Elas não

Os pais de Thina são falecidos, assim como a avó materna e o padrasto, que também a criaram. Os irmãos dela são filhos do padrasto: Sérgio, Roberto, Gildênio e Gilmara.

pagavam moradia, nem alimentação, nada. A metade do que elas ganhavam era pra casa, daí alimentava a todas. Vamos dizer que a casa tinha cinco pessoas e só você ganhava, você sustentava todo mundo.

Camila – Então não era pra você (o dinheiro), era pra sustentar todo mundo?

Thina – Era. Vamos dizer que vocês duas ganhassem e eles três não (apontando para alguns entrevistadores), então vocês duas sustentavam nós “tudim”. Se todo mundo ganhasse, aí amanhã já tinha alimentação mais farta, já tinha fruta. Quando não, era mais regrado.

Chloé – Mas você conseguia programas pra elas?

Thina – Era, mais ou menos isso.

Monique – Thina, quando você entrou na prostituição, houve um conflito entre convicções? Foi difícil pra você, psicologicamente?

Thina – Foi legal (fala com tom de animação). Eu trabalhava na Praia de Iracema, numa sorveteria. Eu ainda era gay e era gerente. Eu era tudo na sorveteria. Eu entrava 12 horas, meio-dia, e saía 12 da noite. Mas eu nunca saía 12 horas da noite, eu saía uma hora, duas horas, três horas da manhã, e ganhava um salário mínimo. Eu não tinha folga nenhum dia. Em frente à minha casa, tinha uma menina que se prostituía. Um dia ela chegou e disse: “Thina, mulher, tu quer fazer um programa?” Eu disse: “Mulher, quanto é?” O programa era 250 no total e 100 pra ela. Eu dei meu telefone e depois o cliente ficava ligando só pra mim. Dentro de três dias na semana eu fazia o dinheiro que eu passava o tempo todo (se referindo ao mês completo de trabalho na sorveteria) trabalhando. Então, beijos, nunca fui nem pescar minhas contas.

Livia – Você trabalhou com prostituição durante 25 anos. Durante esse tempo, você se envolveu afetivamente com algum cliente?

Thina – Mais ou menos. Teve um que ia me buscar. Tinha um que morava em São Francisco, na Califórnia. Ele era comandante, não sei. Só sei que ele trabalhava com avião. Ele vinha de três em três meses e veio uma vez me buscar pra ir embora.

Eu me envolvi com um rapaz e ele dizia que me amava. Todo o dinheiro que o cliente me dava em dólar, eu não sabia direito como era. Eu dizia assim: “Olha, meu amor, o cliente me deu tanto!” Ele (se referindo ao homem por quem era apaixonada) pegou todo o dinheiro e disse: “Pois tome dez reais, que eu vou trocar o resto.” Nunca mais eu vi o dinheiro. Mas eu era apaixonada por ele. O cliente chegou e eu disse: “Olha, eu estou precisando de mil reais, porque eu quero

“Se nós estamos na prostituição, é (porque) a sociedade que nos joga pedras é a mesma sociedade que nos procura. É a mesma sociedade que nos alimenta.”

tirar meu passaporte.” Eu tava no motel e disse pra ele (mais uma vez se referindo ao homem por quem era apaixonada): “Meu filho, o cliente me deu mil reais.” Ele disse: “Pois vem, que eu já estou no bar” “Pois então pede uma pizza que eu estou já chegando”. Quando eu cheguei, estava desse tanto de gente lá (aponta para a mesa cheia). Eu olhei e estavam todos os vizinhos lá e pencas de pizza. Gastei o dinheiro todinho. Só levei R\$ 50 reais pra casa e ele ainda pegou mais R\$ 50 reais pra pegar um táxi. E nem foi dormir lá em casa.

Fui descobrir que ele era caso de uma amiga minha. Um dia, encontrei com ela. A gente conversando: “Mulher, meu marido é lindo.” (A amiga responde) “O meu também.” “Como é o nome do teu?” “É fulano de tal.” “O meu também.” (todos riem). Começamos a falar cada uma como eram os maridos. “Mulher, será que não é o mesmo, não?” “Será?” “O meu trabalha.” “O meu também.” “O meu trabalha um dia sim, outro não.” “O meu também. Então vamos marcar. O meu está trabalhando hoje.” “O meu está de folga. Vou marcar com ele no restaurante tal. Vai pra lá almoçar com a gente.” Eu fui. Quando cheguei lá, era ele! (ri)

Cynthia – É difícil pra uma travesti encontrar o amor?

Thina – É, porque sempre é uma parte pesada entre a gente, o amor. Porque é difícil pra gente querer um amor. O homossexual e a lésbica encontram o amor, casam, moram juntos e tudo mais. Quanto ao nosso relacionamento, já é diferente. É um relacionamento de interesse. Tanto o cara tem interesse em alguma coisa que a gente vai poder dar, ou sustentar ele, ou alguma coisa. E o nosso interesse é como se ele fosse o nosso objeto. Não pode sair de casa, não pode ver ninguém, não pode ir pra casa da mãe, então a gente prende. É natural da gente.

Chloé – Thina, eu vou ler aqui a minha pergunta, pode ser? (Thina consente com a

Sérgio e Gildênio moram em São Paulo. Gilmara continua em Brejo Santo (CE). Com residência em Caucaia (CE), Roberto e a esposa Mazé são os familiares mais próximos de Thina. Juntos, os irmãos já lhe deram cinco sobrinhos.

Segundo Roberto, depois da mãe, quem mandava e desmandava nos irmãos era Francisco Reginaldo. Como a mãe e o padrasto trabalhavam, o mais velho ajudava a cuidar dos irmãos mais novos.

Na juventude, além de imitar a Tina Turner em performances em boates, Thina chegou a fazer apresentações fantasiada de Nega Maluca, personagem carnavalesca que usa roupas extravagantes e enorme cabeleira.

cabeça) No dia 30 de janeiro deste ano foi postado no *site* da (TV) Jangadeiro, filial da (TV) Band, uma reportagem do programa *Gente na TV*, em que a repórter Lorrane Cabral se propõe a viver um dia de travesti. Ela se fantasia (*faz gesto de aspas com as mãos*) de travesti e vai pra noite de Fortaleza. A reportagem é feita de maneira bastante caricata e nos faz acreditar que a prostituição é o emprego natural da travesti. Como você encara uma reportagem como essa? Você acha que influencia uma imagem negativa das travestis?

Thina – É uma imagem negativa. Igual a algumas novelas que fazem caricatura da gente. Eu acho que não pega bem. Acho que pra fazer a visibilidade de travestis e transexuais – que é dia 29 de janeiro – podiam ter colocado uma militante pra falar no jornal, e não fazer isso, porque as travestis não são aquela imagem que ela colocou, nós não somos aquela imagem caricata, não somos aquela pessoa transformista, que está na boate. Nós somos além. Nós somos uma pessoa, somos um ser humano. Se nós estamos na prostituição é (*porque*) a sociedade que nos obriga àquilo. E a sociedade que nos joga pedras é a mesma sociedade que nos procura. É a mesma sociedade que nos alimenta.

Cláudio – Thina, eu queria voltar um pouco pra questão das suas modificações corporais. Quais foram as modificações que você fez até hoje?

Thina – Só silicone e hormônios. E meu nariz, porque ele era uma batata. As meninas me deram os peitos três vezes, mas acho que é porque não chegou o dia.

Chloé – Você acha que a questão de ainda não ter chegado o dia tem alguma coisa a ver com Deus e a sua espiritualidade?

Thina – Eu acho que tem. Porque a minha espiritualidade está tão forte que eu tenho sonhos ou mensagens, a minha cabeça só falta explodir.

Chloé – Esses sonhos são tão pesados, como você disse. Eles não a fazem querer

voltar atrás?

Thina – Não, não tem como voltar atrás. Não tem condições. Eu ia morrer. Eu acho que eu ia cair em depressão, porque as pessoas não iam me querer como o Reginaldo que eu era e como Reginaldo eu não vou mais encontrar as mesmas pessoas. Então eu vou estar perdido. Ou perdida. Aí eu ia morrer, não é?

Monique – Como você se posiciona em relação às intervenções cirúrgicas clandestinas?

Thina – Na aplicação de silicone, né? Aqui em Fortaleza é um caso sério. O que a gente pode fazer é chegar a uma travesti e explicar como fazer a redução de danos, os prós e os contras, dizer que a lei não permite. Mas elas não acreditam. Elas falam: “Você não colocou? Por que você não quer que eu coloque?” Está um caso sério aqui em Fortaleza porque estão vindo meninas do interior, de 16, 17 anos, e as cafetinas fazem aplicação de silicone nelas clandestinamente.

Cláudio – Você colocou silicone clandestinamente, não é?

Thina – Foi, naquela época.

Cláudio – Como é que foi, você pode relatar pra gente? Pra gente poder ter uma compreensão de como se dá esse processo.

Thina – Naquela época, eram 75 furos de cada lado, com uma agulha que aplica hormônios em cavalos. Eles faziam você igual a uma peneira. Hoje em dia a aplicação são três furos. Um do lado vai fazendo a altura da bunda e, pra tornar ela mais virgem, dá o beijo da Mulher Aranha, onde o ânus (*com tom envergonhado*) fica mais virgem.

Pedro – E sem anestesia?

Thina – É, sem anestesia. Tem meninas que querem com anestesia, mas é mais perigoso, porque você coloca a anestesia na seringa e aplica. Fica dormente aquela parte. Quando vai outra injeção com o silicone, pode pegar um vaso e ninguém vai saber. Então, algumas travestis já podem ter morrido nesses casos.

Chloé – No seu caso, teve algum problema?

Thina – Teve. Eu temia muito a Deus e tinha jurado que nunca mais iria colocar silicone. Passaram três meses, eu disse: “Ah, eu vou botar mais um pouquinho (*risos*).” Aí Deus me castigou. Eu coloquei silicone, mais um litro. E, nesse segundo, deu problema.

Fernando – Castigou, como assim?

Thina – Todo mundo coloca uma vez, duas vezes, e não dá problema. Como eu tinha prometido a Deus – e tinha muita fé, aliás, ainda tenho – que eu nunca mais ia colocar silicone... Passei do limite e coloquei de novo. Aí adoeci. O silicone começou a

“Eu (...) tinha jurado que nunca mais iria colocar silicone. (...) Eu disse: ‘Ah, eu vou botar mais um pouquinho.’ Aí Deus me castigou.”

Quando os produtores foram buscar Thina no dia da entrevista, ela veio contando aos risos sobre como tinha acabado de receber ofertas para fazer programa enquanto esperava na calçada.

inchar. Inchar, inchar, inchar e inchar (*faz gesto de algo crescendo com as mãos*). Passei seis meses com problemas no meu silicone. Eu era pobre. Eu era mais pobre ainda.

Então eu procurei uma tal de Yhelda Felício, que me tratou mal. Ela era a única médica que entendia de silicone. Yhelda Felício. Eu nunca esqueci o nome dela. Ela atendia na Santa Casa (*Santa Casa de Misericórdia, tradicional hospital de atendimento público de Fortaleza*), eu fui falar com ela e ela me deu um carão e disse: "Esse povo quando quer botar silicone nem vem pedir conselho nem nada, quando dá problema, vem aqui. Vá para uma clínica!" (*Thina respondeu*) "Doutora, eu tenho dinheiro. Quanto é?" Ela disse deste jeito: "Vá pra sua casa, tome uma dipirona e fique deitada." Eu pensei assim: "Meu Deus do céu, uma doutora desse jeito!"

Fui pra casa e comecei a rezar, rezar e rezar. Era de noite. Quando amanheceu o dia, tinha uma menina que morava comigo. Eu disse: "Vai lá no mercado, compra um 'mói' de espeto de carne e traz pra mim." Ela comprou e botei no álcool. "Seja feita a vontade de Deus". Peguei e fui amolando (*faz gestos e sons como se estivesse amolando os espetos*). Aí eu furava, espremia, e saía o silicone do meu corpo todinho. Fiquei toda marcada (*se levanta da cadeira e sobe a parte inferior do vestido, deixando à mostra as cicatrizes causadas pelos furos*). Aqui (*no quadril*), na bunda, e eu espremia pra poder sair. Se eu não tivesse feito isso, eu tinha morrido (*nota da equipe de produção: leia ao final desta entrevista o que a médica Yhelda Felício diz sobre isso*).

Hugo – Você já teve vontade de fazer cirurgia de mudança de sexo?

Thina – Meninos, tapem os ouvidos. Eu queria era aumentar (*todos riem*).

Camila – Na pré-entrevista, você falou bastante da sua avó e da relação com ela. Qual a influência da avó na sua personalidade? Tem algum reflexo dela em você hoje, que a faz pensar: "Isso é a cara da minha avó"?

Thina – Acho que nas coisas verdadeiras, de eu não estar envolvida com mentiras, com essas coisas, sabe? A gente já era pobre, então ela dizia: "Meu filho, você já é pobre, já é preto, tem tanto preconceito, meu filho já vai virar esse negócio de mulher, então faça as coisas direitinho", esses conselhos. Eu sempre tenho isso na cabeça. Ela já faleceu, tá num bom caminho, num canto bem legal.

Chloé – Ela é sua referência?

Thina – Ela era tudo pra mim.

Fernando – Quem foi a primeira pessoa da sua família a aceitá-la como travesti?

Thina – Primeiro foram os meus irmãos,



"Não tem como voltar atrás. (...) Eu ia morrer. Eu acho que eu ia cair em depressão, porque as pessoas não iam me querer como o Reginaldo que eu era."

Ao dirigir para a casa de Roberto e Mazé para realizar uma pré-entrevista, os produtores se perderam e quase foram parar em outra cidade. Tudo por conta das dificuldades ao lidar com um GPS.

Antes de começar a trabalhar com prostituição, Thina ocupou diversas funções em diversos estabelecimentos. Alguns desses foram Mercado São Luiz, Casa Parente, Lojas Romcy e Beach Park.

Na época em que costumava frequentar casas de shows, Thina gostava de se vestir como a Viúva Porcina, com grandes laços na cabeça, maquiagem pesada e muitas pulseiras.

porque eles dependiam de mim, quando você depende de uma pessoa, não sei se você é obrigado a aceitar, mas você aprende a conviver.

Pedro – Você acha que se eles não dependessem de você, a reação deles teria sido diferente?

Thina – Sei lá, eu não sei te dizer. Eu acho que seria diferente. Se eles tivessem cada um em seu canto, teria sido diferente, porque desses meus irmãos, tem um que é homofóbico. Ele não gosta. Ele não gosta de viado, não gosta de lésbicas. Ele não gosta e eu aceito do jeito que ele é. Não tem como explicar.

Naiana – Você acha que o fato de ele ter uma irmã travesti faz com que ele consiga conviver um pouquinho melhor, que ele pelo menos aceite a ideia?

Thina – Não sei. Ele me respeita como

meu filho.” Ela começou a chorar. Eu disse: “Mãe, pelo amor de Deus, eu faço teatro.” “Ai é, meu filho?” “É, você não assiste às novelas? Então, eu faço aquele negócio das novelas. Qualquer dia eu vou fazer aquelas novelas.” Ela começou a ir aceitando assim. Eu levava minha avó pras boates, pra ver os shows. Era uma figura, a minha avó. Ela me via dançar, bebia cerveja, dançava, aí foi mais fácil. Foi mais fácil do que com a minha mãe.

Chloé – Como era a relação com a sua mãe?

Thina – Tem de falar?

Chloé – Se não quiser, não precisa.

Thina – É porque eu vou falar umas partes que eu não gosto, sabe? Vai machucar eu e ela. Mas era legal, quando eu não era travesti, eu era sempre o braço direito. Sempre foi uma vida sofrida.



irmão e como mãe, porque fui eu quem criei eles, então tem um respeito diferente. Minha mãe botou todos os meus irmãos nas minhas costas. Ela ficou sozinha com meu padrasto no interior e mandou todos os meninos pra eu criar.

Naiana – Incomoda isso, de ter criado todos os teus irmãos?

Thina – Não, não, porque já era eu quem os criava. Em Brejo Santo eu fazia as mamadeiras deles, levava pra colégio, trocava roupas, então...

Livia – Os primeiros que aceitaram isso foram seus irmãos. Como que foi com a sua avó?

Thina – Minha avó também faz parte da minha criação. Eu tinha um relacionamento muito bom com a minha avó. Quando foi a terceira vez que eu me vesti de mulher – a gente se arrumava lá no apartamento onde eu morava –, minha vó morava comigo. Os meninos se trancavam lá no quarto e eu dizia: “Mãe (por muitas vezes, Thina se refere à avó como mãe), os meninos vão dormir aqui.” A gente fechava o quarto e ficava se arrumando escondido e ela dormindo no outro quarto. Porém, ela era daquelas velhas bem sabidas e não dormia, ficava pastorando.

Quando a gente ia abrindo a porta, ela botou a cabeça pra fora e fez assim: “O que é isso? (risos).” Parece que eu tô vendo a cena! (imita a avó falando) “Você é uma rapariga,

Livia – A sua figura materna é a avó?

Thina – Sim.

Camila – E figura paterna, você tinha?

Hugo – Era seu padrasto?

Thina – Não, a gente não se gostava muito. Eu gostaria de ter.

Camila – O que foi que mais a motivou a vir pra Fortaleza?

Thina – Uma vez minha mãe me pegou num chamego com um menino e meteu a peia. Outra vez minha mãe não queria que eu andasse na casa de um rapaz que era metido a gay, e eu andava. Minha mãe dizia que eu ia ser gay por causa dele. E também tinha uma doida em Brejo Santo (município cearense localizado na região sul do estado, a cerca de 500 quilômetros de Fortaleza). O pessoal jogava pedra nela. Um dia, estavam jogando pedra nela e eu não deixei. Ela sentou debaixo da árvore, eu dei um copo de água pra ela e ela disse assim pra mim: “Você quer enganar a quem?” (Thina respondeu) “Como assim?” “Saia dessa terra. Seu lugar é bem longe. Vá ser quem você é.” Agora que eu fui entender as palavras dela.

Chloé – Nessa época você já sentia atração por homens?

Thina – Desde quando eu era criança. Eu brincava de boneca escondido da minha mãe, que eu pegava as bonecas das minhas primas. Eu brincava escondido dentro de uma rede. Quando minha mãe achava na

Ao final da pré-entrevista, Mazé, quando perguntada se tinha algo mais a acrescentar, ressaltou que Thina é uma pessoa muito boa e só não ajuda se não estiver ao alcance dela.

rede, metia a peia. Tudo minha mãe só resolvia na base da peia.

Cláudio – E os primeiros relacionamentos? O seu primeiro beijo foi com um menino ou com uma menina?

Thina – Meu primeiro beijo foi com uma menina. O nome dela era Toinha. Foi um beijo por acaso. A gente *tava* numa gincana de colégio e tinha um negócio que a gente tinha de dar um beijo, e eu beijei ela. Eu me apaixonei por ela. Ela morava num sítio, e todos os domingos eu pegava a bicicleta e ia lá atrás dela, mas ela nunca me quis. Eu não sei se foi praga minha, mas eu disse: “Se você não me quer, pois eu não quero mais mulher nenhuma.” Pronto, joguei uma praga em mim (*risos*)!

Chloé – Você acha que é uma praga?

Thina – Não, hoje eu dou graças a Deus. Mas será que, se ela me quisesse, meu

Thina – Chorei, porque era uma coisa diferente. Mas aí depois... (*dá de braços e começa a rir*)

Camila – Você já fez sexo com mulher?

Thina – Já. Pra mim não tem bicho de sete cabeças. Eu comecei a fazer assim, com casal, em programa, então rolava normal. Mas eu e uma mulher sozinhas, não.

Hugo – Hoje em dia você tem sobrinhos. Como é a sua relação com eles? Como essa nova geração enxerga ter uma tia travesti?

Thina – As minhas duas sobrinhas me chamam de tia. O meu sobrinho mais velho me chama de tio. Eu respeito ele. Ele diz “tio”, eu “tia”. Ele diz: “Ô, tio, deixa disso”, aí me abraça, tudo bem, normal.

Lívia – Você é a irmã mais velha, ajudou a criar seus irmãos e, quando veio pra Fortaleza, algumas meninas moraram com você e a viam como mãe. Hoje, você tem

Segundo Mazé, Thina passava muito tempo arrumando Gilmara, sua irmã mais nova, para ir pra escola. As lembranças dessa época continuam fortes para Gilmara até hoje.

“Aí eu furava, espremia, e saía o silicone do meu corpo todinho. Fiquei toda marcada. (...) Se eu não tivesse feito isso, eu tinha morrido.”

destino não teria sido outro? Eu era louco por ela. Eu pegava uma bicicleta e ia longe, só pra olhar pra ela.

Hugo – E a sua primeira experiência sexual?

Thina – No interior a gente não sabia o que era essas coisas de papai e mamãe não. Quando cheguei em Fortaleza, eu disse: “Não vou ser esse negócio de *gay*. Acho que não sou esse negócio, não. Eu sou é homem.” Então eu só trabalhava e estudava, não tinha tempo pra procurar mulher nem ninguém.

Um dia, eu entrei no cine pornô. Sentei e fiquei assistindo ao filme. De repente um homem chega, pega na minha mão e eu levo um susto e me levanto, com medo. Pego o ônibus e vou pra casa. Quando eu chego em casa, sinto o cheiro do homem na minha mão e volto pro cinema. Quando cheguei lá, o homem não estava no cinema.

Meu primeiro caso foi um rapaz chamado Aderaldo, me apaixonei. A gente trocava pincas de presentinhos, aquelas coisas todas. Eram duas *gays* apaixonadas. A minha primeira relação foi negócio de programa. Eu não sabia como era.

Hugo – Então sua primeira relação sexual foi em um programa?

Thina – Foi, eu não sabia. Eu era aquela pessoa infantil que pra mim as crianças nasciam da cegonha.

Naiana – Como você se sentiu?

vontade de constituir família?

Thina – Tenho. Eu queria. Eu tenho um relacionamento com uma pessoa há cinco anos, mas ele na casa dele e eu na minha. Eu quero ele perto de mim, mas, quando ele começa a querer dormir demais, lá vou eu fazer café, fazer almoço... Aí eu digo: “Não, meu filho, acorda. Tá na hora do meu filho ir pra casa.” Porque eu não quero mais ser aquela empregada que eu fui, não.

Hugo – Você já pensou em ter filhos?

Thina – Só se for adotar, porque eu já tenho cinco. São cinco cachorras que são como minhas filhas. Eu dou minha vida por elas. Trabalho por elas, minha casa é delas.

Monique – Você alguma vez, em meio às dificuldades, teve vontade de voltar para Brejo Santo?

Thina – Não, porque depois que eu retornei pra cidade de travesti, foi tudo diferente. Meus amigos que tinham tendência a ser homossexuais se mudaram pra Paraíba, moram aqui em Fortaleza, no Rio de Janeiro, tudo separado. Então é nova geração. Eu ia começar tudo do zero por causa do preconceito da minha família, das minhas primas, das minhas tias. Elas iam dizer: “Olha, o filho de Maria virou travesti.” Ia ser pior ainda.

Cinthia – Na pré-entrevista que a gente fez com sua amiga Sarah, ela falou assim: “A Thina é uma guerreira, ela sofre muito.”

Na opinião de Roberto, é muito natural que Thina ocupe posição tão importante quanto a que ocupa hoje, pois é um reconhecimento de uma longa jornada de trabalho.

Sarah Marques, uma de nossas entrevistadas durante o período de produção, contou que desde os 17 anos conhece Thina. Por mais que viaje muito – e por isso as duas se veem com menor frequência –, afirma que a amizade permanece a mesma até hoje.

Quais são os sofrimentos e as alegrias da Thina hoje?

Thina – Minha alegria é ter 52 anos e ser sadia, que passou a Aids, pegou a maioria das minhas amigas e levou. Eu sou feliz, eu tenho minhas filhas. E as dificuldades pra mim... Sempre é mais difícil. Eu vou conseguir. Pode anotar que vai chegar o dia em que eu vou conseguir. Se eu quiser alugar uma casa, eu vou sofrer, sofrer, sofrer, mas alugo. Tudo é assim: eu tenho de sofrer pra conseguir. Não vem nada sem sofrimento.

Naiana – Você imaginava que ia chegar tão longe, ou pensa que ainda pode ir muito mais além?

Thina – Olha, eu vou dizer uma coisa que eu espero que não seja premonição: eu acho que eu já estou perto de ir embora. Eu não sei por que, mas eu acho que eu já estou perto. Desculpa estar falando isso, mas espero que não seja (*bate na mesa de madeira três vezes*). Eu quero morrer com 423 anos, mas eu acho que já tá perto. “Por que voce diz isso, Thina?” Porque, se eu fizer qualquer coisa errada contigo, antes de sair ali, eu pago. Eu já estou começando a pagar as coisas pra ter a evolução do meu espírito. Se eu roubar um celular seu, quando chegar em casa, alguém tem me feito um roubo maior.

Chloé – Que não aconteça (*bate na madeira três vezes*), mas se você morrer

amanhã, você teria cumprido seu papel?

Thina – Sim, mas eu vinha buscar meu marido, que é pra nenhuma ficar. Eu acho que eu já fiz tudo, eu acho que já está na hora. Mas ainda tem muita vitória pra acontecer, o PLC 72 ainda não foi aprovado, ainda tem muitas coisas pra gente ganhar e vencer. Tem muito preconceito ainda. Ainda quero chegar a ver travesti trabalhando. Não estou falando contra a prostituição, mas tem muitas que não precisam estar ali, na prostituição.

Hugo – Já que a gente está falando de futuro, sem a Thina, qual vai ser o futuro da Atrac? Você enxerga alguma outra liderança nas travestis que poderia assumir a presidência?

Thina – No momento, poderia até ter, mas elas não querem levar o trabalho da Atrac avante. Elas querem me derrubar. Quantas travestis querem ser Thina? Eu sou alvo de muita inveja. Meu Deus, pra que tanta inveja? Eu agora tô rezando um terço, e um dos mistérios é pras invejosas. Pra que derrubar, vocês não sabem construir, não?

Cláudio – A mulher que você é hoje, a forma como você enxerga o mundo, você acha que se assumir travesti mudou isso, ou você sempre enxergou o mundo da mesma forma, sempre foi a mesma pessoa?

Thina – Eu sou eu. Eu sempre fui essa pessoa, porque eu ajo muito pelo coração, não pela razão. Eu faço tudo de coração.



Sarah considera que Thina é uma guerreira e, no lugar dela, não teria aguentado os dez anos que a amiga está à frente da Atrac. “Já teria jogado as cartas para o ar”.

A equipe de produção conversou, por e-mail, com Dediane Souza, diretora do Grupo de Resistência Asa Branca (Grab), sobre o que Thina falou da entidade.

Equipe de produção – Segundo Thina Rodrigues, houve várias vezes que o Grab realizou eventos e não convidou a Atrac. Em um desses eventos, o Grab teria mencionado que a Atrac não quis mandar representante. Existe no Grab alguma postura deliberada em não convidar a Atrac para eventos que organiza? Por quê? Como você avalia o relacionamento atual das duas instituições?

Dediane – Nós sempre convidamos a Atrac para os eventos que realizamos. Houve alguns ruídos de comunicação nos últimos anos, pois a presidente (da Atrac) Thina Rodrigues hoje está trabalhando na Coordenadoria de Diversidade de Fortaleza. Assim, achamos mais prudente convidar outros sujeitos trans [sic] que de alguma forma estejam envolvidos na militância. As nossas parcerias (do Grab com a Atrac) sempre estiveram firmadas, pois o nosso maior compromisso é a unificação para combater a discriminação de LGBT no Estado do Ceará. A Atrac é uma grande parceira nessa luta há vários anos.

Equipe de produção – Em outro momento da entrevista, Thina Rodrigues afirma que o Grab já convidou travestis para uma reunião na mesma ocasião em que elas teriam

reunião na Atrac, mas elas preferiram ir ao Grab porque a instituição teria dado a elas dez reais e lanche, como incentivos ao comparecimento. Esse fato é verdade? O Grab tem como hábito estimular a participação de convidados em reuniões e eventos mediante pagamento?

Dediane – O Grab vem fortalecendo vários sujeitos na luta LGBT (Formação de Novas Lideranças). Sabemos que é difícil manter-se em uma militância ou envolver-se em algumas pautas onde você não tem como pagar nem o transporte. Por esse e outros motivos (individuais), quando temos financiamento, apostamos nesse incentivo para a garantia do transporte e do lanche da nossa população-chave. Esse incentivo não é um pagamento, e sim uma forma de ajuda de custo. Sobre o evento citado por Thina, não tenho lembrança se foi o caso. O Grab não tem competição com nenhuma organização no Ceará. Estamos há 25 anos com um trabalho consolidado de respeito aos nossos pares e de parcerias consolidadas com várias organizações, sejam elas LGBT ou não, governamental ou não.

A equipe de produção conversou, por telefone, com a médica Yhelda Felício sobre o comentário de Thina quanto à atitude da médica em negar-lhe atendimento.

Equipe de produção – Thina Rodrigues afirmou que, ao ter complicações com um silicone colocado de forma clandestina, foi buscar socorro na Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza. Segundo ela, a senhora negou atendimento e recomendou que ela fosse para casa tomar dipirona. Esse fato é verdade?

Yhelda – Isso, com certeza, não procede. Eu nunca deixei de atender ninguém, a não ser que a Santa Casa não pudesse atender. Eu era uma soldada lá, mas tinha de seguir as orientações da Santa Casa. Tem um determinado período em que é indicado drenar o silicone: quando tem uma bolsa ou quando está infectando ou já está infectado. Se ele

[sic] não foi atendido deve ter tido algum fator externo. Quando foi isso?

Equipe de produção – Segundo Thina, o fato ocorreu há cerca de 25 anos.

Yhelda – É, de fato eu trabalhava lá na época.

Equipe de produção – Thina afirmou, com convicção, que foi a senhora quem realizou o atendimento dela.

Yhelda – Mas isso não quer dizer nada. Eu nunca discriminei ninguém no meu atendimento. Preto, branco, rico, travesti. Se eu não fiz procedimento cirúrgico é porque não era pra ter feito. O problema deve ter sido clínico.

O nosso contato com Thina foi marcado por seu constante bom humor. Desde a pré-entrevista, ela recebeu nossa equipe sempre com muita prontidão e um largo sorriso no rosto.

Durante toda a entrevista, Thina tinha em mãos um enorme e decorado leque vermelho, que vez por outra fazia questão de abrir ora por calor, ora por charme.